

O perfil das mulheres contabilistas proprietárias de escritórios de Contabilidade na cidade de Araxá

LODI, Mariana Guimarães;
LODI, Ivana Guimarães.

Resumo: A crescente presença feminina no mercado de trabalho, inclusive, em áreas genuinamente masculinas, é um fato. Contudo, ainda não são muitos os estudos cujo foco é exclusivamente a profissional do sexo feminino, que escolheu alguma profissão que, de início, era exercida apenas por homens. Foi feito, portanto, todo um trabalho voltado apenas para as profissionais da área contábil e/ou afim, e, especificamente, para aquelas que são proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá, com o objetivo de permitir um maior conhecimento sobre a situação atual vivida pelas mulheres que atuam em tão nobre profissão, e, também, no sentido de analisar se ainda existem desafios a serem superados no meio profissional decorrente do gênero ao qual pertencem. Assim, este artigo é resultado de todo um estudo feito apenas com mulheres contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá, no qual se objetivou levantar o perfil socioprofissional dessas mulheres, com enfoque tanto nos desafios internos do ambiente de trabalho, quanto nos externos provindos das obrigações domésticas e familiares. Houve a aplicação de um questionário semiestruturado com 20 (vinte) questões, o qual foi enviado para os sujeitos de pesquisa e devolvido por estas, com as respectivas respostas, através de mensagem eletrônica (e-mail), tendo 17 (dezessete) profissionais aceitado contribuir com o estudo. Depois de coletados os dados, estes foram integralmente analisados de diferentes formas, chegando-se a uma grande quantidade de resultados, os quais poderão ser observados a seguir, com a leitura deste artigo.

Palavras chave: Mulher. Contabilista. Proprietária. Escritório de contabilidade.

Abstract: the growing female presence in the labor market, including in genuinely male areas, is a fact. However, there are still many studies whose focus is exclusively on female professionals, who chose some profession that, at first, was exercised only by men. Therefore, a whole work was done aimed only at professionals in the accounting area and/or related, and specifically for those who own accounting offices in the city of Araxá, with the aim of allowing a greater knowledge about the current situation experienced by women who work in such a noble profession, and also in order to analyze whether there are still challenges to be overcome in the professional environment resulting from the gender to

which they belong. Thus, this article is the result of a whole study done only with owners of accounting offices in the city of Araxá, in which the objective was to raise the socioprofessional profile of women accountants who accounting offices in the city of Araxá, focusing on both the internal challenges of the work environment and on the externals arising from domestic and family obligations. There was the application of a semi-structured questionnaire with 20 (twenty) questions, which was sent to the research subjects and returned by them, with their answers, through electronic message (e-mail), having 17 (seventeen) professionals accepted to contribute to the study. After collecting the data, they were fully analyzed in different ways, reaching a large amount of results, which can be observed below, with the reading of this article.

Keywords: Woman. Accountant. Owner; Accounting firm.

*“No futuro, não haverá mulheres líderes.
Haverá apenas líderes”.*
Sheryl Sandberg

Introdução

A presença das mulheres no mercado de trabalho não é somente uma realidade, mas um fato que está, há anos, em franca ascensão e sem previsão de acabar.

Até meados do século XX, as mulheres desenvolviam apenas funções domésticas, tendo como obrigação apenas cuidar da casa, do marido e dos filhos. A função de provedor da família era incumbida única e exclusivamente aos homens em uma sociedade eivada de preconceitos, machismos, abusos contra as mulheres, pregando superioridade masculina, o que, apesar de não ser mais como era na referida época, ainda é uma realidade desvelada nos dias atuais.

Após as duas grandes guerras mundiais ocorridas no século passado, as mulheres e os homens viram-se diante de um cenário que obrigou o chamado sexo frágil a buscar emprego, já que milhares de homens tiveram a vida ceifada, e muitos daqueles que não morreram ficaram impossibilitados para o trabalho, tendo tido corpos mutilados que os obrigariam a ficar eternamente dependentes.

Nesse sentido, Baltar e Leone (2008, p.238) afirmam:

Ao final das guerras, o resultado, tinha modificado a paisagem e a estrutura das sociedades mundiais, pois, com o regresso dos homens que lutaram pelo país, onde muitos dos que sobreviveram ao conflito foram mutilados e impossibilitados de voltar ao trabalho, outros ficaram com problemas psicológicos, e muitos outros foram excluídos da vida social das comunidades, entre outras coisas, resultando num novo tipo de sentimento e atitude por parte das mulheres. Nesse momento é que as mulheres deixaram as casas e os filhos para levar para frente os projetos e os trabalhos realizados pelos maridos.

Assim, mulheres viúvas ou com homens incapazes física e/ou psicologicamente em casa, necessitando sobreviver e sustentar os próprios filhos, “arregaçaram as mangas” em busca de trabalho e nunca mais pararam.

Dessa forma, muitas áreas de trabalho genuinamente ocupadas por homens passaram a ter representantes mulheres, sendo que, atualmente, entre essas áreas, há muitas, com mais representatividade feminina do que masculina. As mulheres estão, cada vez mais, em busca de qualificação, de igualdade de salários e oportunidades, sendo que o caminho a percorrer ainda é longo, mas mudanças estão ocorrendo, e apesar de ser a passos lentos, as mulheres vem sendo pouco a pouco mais respeitadas e valorizadas perante a sociedade civil e profissional.

Sendo assim, no decorrer do presente artigo será possível observar a vida socioprofissional das mulheres contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá, traçando um perfil daquelas que vêm construindo uma carreira que até a bem pouco tempo atrás era exclusivamente masculina.

1. Mulheres na Contabilidade

A Contabilidade nada mais é do que

(...) a ciência que estuda, interpreta e registra os fenômenos que afetam o patrimônio de uma entidade. Ela alcança sua finalidade através do registro e análise de todos os fatos relacionados com a formação, a movimentação e as variações do patrimônio administrativo, vinculado à entidade, com o fim de assegurar seu controle e fornecer a seus administradores as informações necessárias à ação administrativa, bem como a seus titulares (proprietários do patrimônio) e demais pessoas com ele relacionadas, as informações sobre o estado patrimonial e o resultado das atividades desenvolvidas pela entidade para alcançar os seus fins. (FEA USP, s/d, p.?)

É fato que os homens, assim como em outras áreas de atuação que exigiam qualificação estudantil, sempre predominaram na área contábil. Contudo, com o passar dos anos, as mulheres vêm conquistando cada vez mais espaço.

Não se sabe quando a primeira mulher resolveu se aventurar pelo universo contábil, mas supõe-se que acontecera durante o governo de Getúlio Vargas, quando elas conquistaram o direito de voto no Brasil. (BONIATTI; et al., 2014, p.22)

Consta que a regulamentação da profissão do contabilista ocorreu em 1946, e, desde então, as mulheres, assim como nas demais áreas profissionais dominadas pelos homens, vêm deixando para trás os desafios e preconceitos, e superando os obstáculos, conseguindo conquistar a cada dia, mais respeito e reconhecimento dentro da área que escolheram para atuar.

Os obstáculos ainda são muitos, as mulheres ainda têm muito pouca ajuda masculina nos afazeres domésticos, tendo que se desdobrar entre o trabalho, a casa, o marido e os filhos, enfrentando preconceitos, que se refletem em menores salários e oportunidades de emprego, em abusos morais, físicos e psicológicos no

ambiente de trabalho e, muitas vezes, dentro da própria casa, pela falta de apoio familiar. Lanivas (2003 *apud* COSER, 2005, p.28) confirma essa ideia ao dispor sobre os desafios que as mulheres têm que enfrentar ao decidirem ocupar o mercado de trabalho, dizendo que para estas, “dentre os desafios enfrentados destaca-se a dupla jornada de trabalho, pois os serviços domésticos e os filhos continuam sendo de sua responsabilidade”.

Assim, muito já foi feito, mas ainda há muito o que ser conquistado, sendo que neste artigo será traçado o perfil socioprofissional das mulheres contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá, as quais nos mostraram os desafios ainda existentes para a mulher dentro da profissão contábil, com enfoque, também, nos desafios pessoais enfrentados por elas, que tornam ainda maiores os obstáculos da profissão.

2. As conquistas femininas na sociedade e no mercado de trabalho

Ao contrário do que muitos pensam, as mulheres na História não ocuparam sempre posições de inferioridade com relação aos homens.

Houve um tempo em que a mulher ocupava uma posição de igualdade e mesmo de superioridade em relação ao homem. Isso porque a capacidade natural de gerar vida dava às mulheres um poder místico de criação, sabedoria e interação com a natureza. Por possuir o poder da vida, no Egito Antigo, a mulher era comparada à expressividade do sol. (ENGLERT, 2018, p.1)

A mesma autora relembra que eram as mulheres que detinham o conhecimento da cura, sabendo empregar as plantas medicinais no tratamento de doenças. Diz, ainda, que “no período pré-colombiano, acreditava-se, de comum acordo, na relação de complementaridade e interdependência dos gêneros. E no princípio do judaísmo as mulheres atuavam no plano econômico, político e religioso”. (IBIDEM)

Contudo, ainda segundo a supracitada autora, por uma forte influência grega, as mulheres começaram a ser inferiorizadas perante aos homens, os quais passaram a destruir a autoestima feminina, bem como a excluí-las da vida pública.

A sociedade via-se então, diante de uma mudança que, apesar de, segundo Kincheski (2003, p.13), vir sendo minimizada paulatinamente, ainda perdura nos dias atuais, vindo a se tornar uma sociedade machista, preconceituosa, cega, injusta e desigual com relação às questões de gênero.

Nas palavras de Drummontt (1980, p.81):

O machismo enquanto sistema ideológico oferece modelos de identidade, tanto para o elemento masculino como para o elemento feminino: Desde criança, o menino e a menina entram em determinadas relações, que independem de suas vontades, e que formam suas consciências: por exemplo, o sentimento de

superioridade do garoto pelo simples fato de ser macho e em contraposição o de inferioridade da menina.

Nessa acepção, é fato que apenas em 1968, o Código Civil brasileiro permitiu à mulher o trabalho sem o prévio consentimento do marido; até 1943, existia uma lei regulamentando que mulheres deveriam ter salários 10% menores do que os dos homens, tendo isso mudado apenas a partir da entrada em vigor da CLT – Consolidação das Leis do Trabalho –, a qual passou a proibir a desigualdade salarial por gênero. Além disso, até 1979, as mulheres eram proibidas de praticar esportes tidos como “incompatíveis” com as suas condições, tais como o judô, por exemplo.

Diante desse cenário de abusos, sendo pregada e exaltada a superioridade masculina e a inferioridade feminina sem embasamento fático algum, apenas se afirmando que se o indivíduo nasce homem, este é melhor, e se nasce mulher, é pior, as mulheres tiveram que travar várias batalhas para passar a ser enxergadas e conquistar espaço em diversos campos da sociedade, sendo que seguem as principais:

- ✓ 1879 – Mulheres ganham direito de cursar faculdade no Brasil;
- ✓ 1911 – Uma fábrica têxtil de Nova York sofre um incêndio e 130 (cento e trinta) operárias morreram carbonizadas;
- ✓ 1917 – Em 8 de março, 90 (noventa) mil operárias participam do protesto “Pão e Paz” na Rússia;
- ✓ 1918 – Após anos de luta do movimento sufragista, as mulheres conquistam direito ao voto na Inglaterra.
- ✓ 1932 – Constituição Federal brasileira permite; pela primeira vez, que mulheres votem;
- ✓ 1945 – Carta das Nações Unidas reconhece igualdade de direitos entre homens e mulheres;
- ✓ 1960 – Criação e comercialização da pílula anticoncepcional e início da liberação feminina;
- ✓ 2006 – Criação da Lei Maria da Penha, primeira a reconhecer e criar mecanismos para combater a violência doméstica;
- ✓ 2015 – Lei do feminicídio classifica o assassinato de mulheres por razões da condição do sexo feminino como crime hediondo. (Revisita Nova Escola, 2019)

Com conquistas como as citadas anteriormente, as mulheres vieram em franca ascensão social e, também, profissional, sendo que como um dos resultados mais emblemáticos dessas várias lutas e vitórias femininas no país está a promulgação da Constituição Federal de 1988, onde observa-se que muitos direitos das mulheres passaram a ser analisados e previstos expressamente em dispositivos de lei.

Nesse diapasão, Barsted (1999 *apud* NEVES, 2018, p.4) diz que:

(...) os movimentos feministas que antecederam à promulgação da Constituição de 1988, contribuíram com êxito para que a legislação

abraçasse a mulher, igualando-a em direitos aos homens, gerando às mulheres direitos e ao estado obrigações correlacionadas. Às mulheres, a partir de 1988, é garantida a igualdade com os homens (art. 5º, Constituição Federal), o reconhecimento da união estável como organização familiar (art. 226, § 3º, regulamentado pelas Leis nº. 8.971, de 29 de dezembro de 1994, e nº. 9.278, de 10 de maio de 1996); o mercado de trabalho fica proibido discriminar os indivíduos por causa do sexo ou estado civil (art. 7º, XXX, regulamentado pela Lei nº. 9.029, de 13 de abril de 1995, que proíbe a exigência de atestados de gravidez e esterilização e outras práticas discriminatórias para efeitos admissionais ou de permanência da relação jurídica de trabalho); a mulher conta com proteção especial no mercado de trabalho, por meio de benefícios específicos (art. 7º, XX, regulamentado pela Lei nº. 9.799, de 26 de maio de 1999, que insere na Consolidação das Leis do Trabalho regras sobre o acesso da mulher ao mercado de trabalho); ao Estado é dada a incumbência de reprimir a violência doméstica (art. 226, § 8º, tendo sido prevista a notificação compulsória, em território nacional, de casos de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados, nos termos da Lei nº. 10.778, de 24 de novembro de 2003, bem como adotada a Lei “Maria da Penha” – Lei nº. 11.340, de 7 agosto de 2006, para a prevenção e o combate da violência contra a mulher). É importante citar a Lei nº. 9.504, de 30 de setembro de 1997, que dispõe sobre normas eleitorais garantindo a participação da mulher no pleito. Os partidos, de acordo com a lei, devem reservar no mínimo de 30% e o máximo de 70% de candidaturas para cada gênero. E ainda a Lei nº. 10.224, de 15 de maio de 2001, que dispõe sobre o assédio sexual, criminalizando-o.

Nota-se que conquistas femininas vieram ocorrendo de maneira progressiva. E artigos supracitados da Carta Magna do país refletem essas vitórias dentro da sociedade e do mercado de trabalho.

Todavia, é fato que apenas a previsão legal não traz solução imediata e eficaz a vários problemas decorrentes do preconceito e discriminação de gênero enraizados há séculos.

É comum ainda nos dias atuais, por exemplo, as mulheres se verem diante de remuneração inferior à dos homens, mesmo desempenhando funções idênticas e com a mesma carga horária, e mesmo já existindo dispositivo de lei em sentido contrário.

De acordo com um estudo especial feito pelo IBGE, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), que se utilizou de dados relativos ao quarto semestre de 2018, as mulheres ainda ganham, em média, 20,5% menos que os homens no país. (PARADELLA, 2019, p.1)

Ademais, é recorrente ainda a observância de mulheres com dificuldades de alcançarem cargos de maior hierarquia.

Frankel (2006 *apud* BONIATTI; et. al., 2014, p.22) busca explicar esse fato dizendo que “embora detentoras de pouca ou nenhuma autoridade formal,

as mulheres sempre influenciaram rumos, mudanças e resultados – apenas nunca foram ousadas o bastante para chamar essa influência de liderança”.

Mas, apesar de existirem ainda essas discrepâncias, as quais são decorrentes apenas de motivos ilógicos, dos séculos de preconceitos, discriminação, subjugação, já há observâncias em sentido oposto. Caso contrário, não seriam possíveis afirmações como a de Tomaz e Favilla (2003, *apud* COSER, 2005, p.29), que dizem que:

A entrada da mulher no mercado de trabalho não é recente, mas ocorreu com mais ênfase a partir da segunda metade do século XX. Desde então, as mulheres vêm adquirindo conhecimentos que potencializam algumas de suas habilidades e atitudes naturais, colocando-as em excelentes condições de ocupar cargos de direção e gerenciamento de atividades empresariais. Destacam-se, em especial, pela capacidade empreendedora e de encarar com seriedade os desafios que se apresentam a cada dia.

Portanto, mulheres fortes frente à sociedade, que batalham por espaço na vida social e profissional, são um fato que jamais deve ser esquecido, e que deve ser notado e respeitado. Afinal, são tantas mulheres que lutaram no passado e outras tantas que vêm surgindo no presente, deixando claro a capacidade e a competência feminina.

Nesse sentido, segue uma lista apenas exemplificativa com o nome e os feitos de 10 (dez) mulheres que fizeram história e são lembradas pelas suas conquistas em todo o mundo (OELZE, s/d *apud* RIBEIRO, 2018, p.?):

1. Hatshepsut – Primeira rainha-faraó: Após a morte de seu marido, o faraó Tutmés II, Hatshepsut assumiu o trono em 1479 a.C., como rainha-faraó tanto do Alto quanto do Baixo Egito. As duas décadas em que esteve no poder foram de paz e de prosperidade econômica. Seu sucessor, Tutmés III, no entanto, tentou apagar todos os vestígios da primeira rainha-faraó da história;
2. Joana d’Arc – Mártir francesa: Na Guerra dos Cem Anos entre Inglaterra e França, Joana d’Arc, uma filha de camponeses de 13 (treze) anos, teve uma visão. Santos pediram a ela que salvasse a França e trouxesse Carlos VII ao trono. Em 1430, ela foi presa durante uma missão militar. No julgamento, em que virou heroína da França, foi condenada a morrer na fogueira. Mais tarde, seria reabilitada e, em 1920, canonizada por Bento XV;
3. Catarina, a Grande: Com um golpe audacioso, Catarina II derrubou o odiado marido do trono e se proclamou imperatriz da Rússia. Ela provou sua capacidade de governar ao dominar todo o território russo e liderar campanhas militares até a

Polônia e a Crimeia. Graças a isso, Catarina é a única governante do mundo com o epíteto “a Grande”;

4. Elisabeth I – Monarca perspicaz: Quando Elisabeth I ascendeu ao trono britânico, ela assumiu a supremacia sobre um país em revolta. Ela acabou conseguindo apaziguar a guerra religiosa entre católicos e protestantes, e trouxe uma era de prosperidade ao império britânico. A cultura viveu seu auge com Shakespeare e os navios britânicos derrotaram a armada espanhola;
5. Emmeline Pankhurst – Feminista radical: Em 1903, Emmeline Pankhurst (1858-1928) fundou o movimento feminista no Reino Unido. Na luta para que as mulheres pudessem votar, fez greve de fome, incendiou casas e foi condenada. Em 1918, conseguiu que mulheres a partir dos 30 (trinta) anos pudessem votar. Morreu em 1928, ano em que começou a vigorar na Inglaterra o sufrágio universal para as mulheres;
6. Rosa Luxemburg – Revolucionária alemã: Num tempo em que as mulheres ainda não podiam votar, Rosa Luxemburg estava à frente do revolucionário movimento social-democrático alemão. Cofundadora do movimento de esquerda Liga Espartaquista e do Partido Comunista da Alemanha, tentou acelerar o fim da Primeira Guerra Mundial com greves em massa. Após a repressão da revolta espartaquista, em 1919, ela foi assassinada por militares alemães;
7. Marie-Curie – Grande pesquisadora: Marie Curie (1867-1934) foi uma das pioneiras na pesquisa da radioatividade, o que, inclusive, lhe rendeu um Nobel de Física, em 1903, mas também os sintomas da então ainda desconhecida doença provocada pela radiação. A descoberta dos elementos Rádio e Polônio lhe valeu o Nobel de Química em 1911. Após a morte do marido, Pierre, ela assumiu sua cátedra, tornando-se a primeira professora na Sorbonne;
8. Anne Frank – Diário revelador: “Sua Anne”. Assim Anne Frank termina o diário que escreveu entre 1942 e 1944. Na última foto, a garota de 13 (treze) anos ainda sorri despreocupada. Dois meses mais tarde, em julho de 1942, ela se mudaria para o esconderijo em Amsterdã. Ali ela viveu na clandestinidade até ser deportada para Auschwitz, onde morreu em março de 1945. Seu diário é um dos mais importantes testemunhos do Holocausto;
9. Wangari Maathai – Primeira Nobel africana: “A primeira verde da África” escreveu um jornal alemão referindo-se a Wangari Maathai. Desde os anos 1970, ela se engajava tanto pelos direitos humanos, quanto pela preservação do meio ambiente.

Com a ONG Movimento Cinturão Verde, ela plantou árvores para frear a desertificação. Em casa, no Quênia, ela, muitas vezes, foi ridicularizada. Mas, em 2004, seu trabalho foi coroado com o Prêmio Nobel da Paz, e;

10. Malala – Símbolo do direito à educação: Ela tinha 11 (onze) anos em 2009 quando falou à imprensa sobre os horrores do Talibã no Paquistão. Quando sua escola para meninas foi fechada, ela lutou pelo direito à educação. Em 2012, sobreviveu a um atentado à bala. Já recuperada, escreveu a autobiografia “Eu sou Malala”. Em 2014, com 17 (dezesete) anos, ganhou o Nobel da Paz por defender os direitos de meninas e mulheres.

Foram também mulheres que inventaram a cerveja, o bote salva-vidas, a fibra Kevlar (utilizada em coletes balísticos), o COBOL (a primeira linguagem de computador amigável), sistema de comunicações secretas durante a II Guerra, que baseou a criação do Wi-Fi, entre inúmeras outras, amplamente utilizadas no cotidiano das pessoas. (Site Pinterest, 2019)

É fato, portanto, que “as mulheres se tornaram formadoras de opinião, quando levaram para fora de casa suas crenças, valores e impressões”. (MOTA; SOUZA, 2012, p.4)

De acordo com as mesmas autoras, pode-se

(...) dizer que o poder feminino sofreu uma ampliação no século XIX, em decorrência da entrada da mulher no mercado de trabalho. Assim, ela começou a atuar em todas as esferas. Embora haja ainda as carências no quadro social do país, conforme demonstram as estatísticas, as mulheres vêm tomando seu espaço com determinação. (MOTA; SOUZA, 2012, p.4)

Sendo assim, com os exemplos de mulheres já citados, com todas as invenções e conquistas que lhes são próprias, não restam dúvidas sobre a capacidade feminina perante a sociedade civil e profissional, de maneira que no próximo capítulo restará clara a competência e ascensão feminina dentro também da profissão contábil.

3. Inserção e evolução das mulheres na profissão contábil

Klein (1954 *apud* BONIATTI, et. al., 2014, p.22) define a contabilidade como sendo “a ciência que estuda os registros, atos e fatos, métodos e doutrinas contábeis, econômicas e administrativas, a partir da evolução das sociedades humanas e dos seus patrimônios”.

Assim, pode-se dizer que a contabilidade é “a **ciência** que tem por objetivo o estudo das variações quantitativas e qualitativas ocorridas no patrimônio (conjunto de bens, direitos e obrigações) das **entidades** (qualquer pessoa física

ou jurídica que possui um patrimônio)”. (SÓ CONTABILIDADE, entre 2007 e 2019, p.1)

Consta que, durante muitos anos, sustentou-se a ideia de que por fatores biológicos as mulheres tinham pouca participação nas carreiras científicas, principalmente, no campo das exatas.

Londa Schienbinger (2001, p.131) diz que “por séculos, os naturalistas atribuíram as diferenças intelectuais entre os sexos basicamente a causas naturais, sejam estas o calor e a secura do corpo (Aristóteles e Galeno), o tamanho do crânio (Le Bom), seleção natural e sexual (Darwin), hormônios (Edward Clarke) ou assimetrias cerebrais (Kimura)”.

Com o surgimento e crescimento dos estudos de gênero, logicamente, esse determinismo biológico não prosperou, de maneira que a presença feminina nos mais diversos campos profissionais, inclusive, das ciências exatas e aquelas sociais que utilizam cálculos e fórmulas matemáticas, vem aumentando de uma maneira muito rápida e percebida a “olhos nus”.

Sendo assim, é fato que as conquistas femininas no meio contábil vêm ocorrendo, de maneira que Bordin e Londero (2006, p.116) afirmam que

(...) a participação da mulher no mercado de trabalho é cada vez maior e a classe contábil faz parte de todo esse desenvolvimento. Hoje, a mulher está adotando, cada vez mais, uma postura atuante, não apenas pelos seus próprios esforços, mas também pelas exigências do mundo moderno, que obrigou os homens a abrirem mão de sua atitude dominadora e caminharem para uma parceria necessária e enriquecedora.

Infere-se que até poucos anos atrás, cursos de graduação, como de Engenharia, Ciências Econômicas e Contábeis, não tinham uma aluna mulher, e quando não eram formados 100% por homens, tinham pouquíssimas alunas, tendo esse cenário mudado, de maneira que, atualmente, o curso de Ciências Contábeis de muitas universidades tem, em sua maioria, mulheres.

No Centro Universitário do Planalto de Araxá – UNIARAXÁ –, por exemplo, através de dados disponibilizados na data de 24 de outubro de 2019, pela secretaria acadêmica da referida instituição, formaram-se em Contábeis, no ano de 2018, 28 (vinte e oito) pessoas no total, das quais 23 (vinte e três) eram mulheres e apenas 5 (cinco) eram homens, representando aquelas, 82,14% dos formandos, enquanto que estes, apenas 17,86%. Já no ano de 1997, quando iniciou-se o curso de Contábeis no citado centro de ensino superior, tinham mais homens do que mulheres no referido curso, sendo que entre os 33 (trinta e três) formandos, não se faz possível a identificação apenas pelo nome, do gênero de 1 (um) destes, mas podendo-se afirmar que existiam pelo menos 18 (dezoito) homens para no máximo 15 (quinze) mulheres.

De acordo com o INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais Anísio Teixeira – entre os concluintes do curso de Ciências Contábeis no Brasil, que foram convocados para fazer o ENADE – Exame Nacional de Desem-

penho dos Estudantes – no final do ano de 2018, 59,3% eram mulheres (59% ensino presencial e 59,6% ensino a distância). (INEP, 2019, p.38)

Esses fatos demonstram o que vem ocorrendo em todo o país. As mulheres vêm estudando e exercendo cada vez mais funções dantes exclusiva ou predominante masculinas, sendo que a profissão contábil e áreas afins estão entre essas atividades.

Segundo Fabrício Santos (2018, p.1), em 1996, eram 318.592 (trezentos e dezoito mil, quinhentos e noventa e dois) profissionais de contabilidade no país, sendo que destes apenas 27,45% eram mulheres. Em 2009, houve uma diminuição nessa participação feminina para 25,40% apenas. Contudo, em 2018 esse patamar já chega próximo da metade de profissionais, sendo que atualmente as mulheres formam 42,79% dos profissionais da área contábil no Brasil.

Nota-se que em 22 (vinte e dois) anos, houve um crescimento de 15,34%, da adesão de mulheres na profissão, sendo que referida porcentagem representa 206.775 (duzentas e seis mil, setecentos e setenta e cinco) profissionais.

Segundo a mesma fonte, nas eleições para a escolha dos presidentes dos Conselhos Regionais de Contabilidade das 27 (vinte e sete) regionais, ocorridas em outubro de 2017, para atuação entre o início de 2018 e final de 2019, 7 (sete) são mulheres: CRCPA; CRCRR; CRCPB; CRCMG; CRCSP; CRCRS, e; CRCMS, sendo que “no Conselho Federal de Contabilidade (CFC), o histórico da liderança feminina ocorreu na presidência da contadora Maria Clara Cavalcante Bugarim que, por dois mandatos (2006 – 2010), deixou um legado que até hoje é lembrado por grandes profissionais da área”. (SANTOS, 2018, p.1)

Não se pode deixar de citar, ainda, os Encontros Nacionais da Mulher Contabilista (CFC, 2018, p.1), sendo que a primeira edição ocorreu no ano de 1991, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, já aconteceu a segunda edição, na cidade de Salvador (BA), sendo que apenas 7 (sete) anos mais tarde, em 1999, Maceió sediou a terceira edição do evento. A quarta edição foi realizada na capital mineira, Belo Horizonte, no ano de 2003, sendo que a partir daí conseguiu-se manter a regularidade do evento acontecer de dois em dois anos.

Ao contrário do que muitos pensam, o Encontro Nacional da Mulher Contabilista não é voltado exclusivamente para as mulheres, podendo e sendo de suma importância a participação masculina.

Segundo palavras de Nilva Amália Pasetto (2018, p.1), presidente atual da Comissão Nacional da Mulher Contabilista, se faz

(...) importante destacar que, inseridos em um contexto altamente participativo do público não somente feminino da classe, mas também masculino, os Encontros Nacionais buscam, a cada nova edição, incentivar ainda mais a participação feminina no cenário contábil nacional, além de promover a educação continuada dos profissionais da contabilidade. Esses objetivos ressaltam a essencialidade da busca de novos conhecimentos e atualizações e a afirmação da nova posição da mulher no contexto social e empresarial. Indiscutivelmente, esse movimento de conscientização

nacional da mulher contabilista tem contribuído de forma ímpar para a justa valorização da profissão contábil, com a devida equidade entre os gêneros.

A regulamentação da profissão contábil ocorreu na década de 40, mais precisamente em 1946, com a criação do Conselho Federal de Contabilidade – CFC –, através do Decreto-Lei nº. 9.295, de 27 de maio de 1946. (BRASIL, 1946)

Não se sabe ao certo o exato momento em que surgiu a primeira contadora, mas a primeira a obter registro foi Maria Divina Nogueira, no ano de 1947, no Conselho Regional de Contabilidade do estado de Minas Gerais – CRC/MG.

Não se pode deixar de lembrar e citar, ainda, o nome de Celia Akemi Kobata Chinem, a qual foi a primeira mulher a se tornar mestre em contabilidade e a ter doutorado na área no Brasil.

Como já citado anteriormente, Maria Clara Bugarim foi a primeira profissional do sexo feminino a conseguir se tornar presidente do Conselho Federal de Contabilidade – CFC –, tendo isso ocorrido apenas no ano de 2006. Dados como este são capazes de demonstrar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na conquista por espaço e reconhecimento na profissão. Foram necessários 60 (sessenta) anos para uma mulher conquistar o cargo máximo na entidade contábil de âmbito federal no Brasil.

É importante salientar que a contabilidade, com o passar dos anos, tornou-se essencial para a administração dos negócios (BONIATTI, et. al., 2014, p. 22), sendo que de acordo com o guia salarial de uma das maiores empresas de recrutamento e seleção denominada Robert Half, o curso de Ciências Contábeis está entre as carreiras mais promissoras do país. (HALE, 2018, p.1)

Contudo, com relação às mulheres na profissão, observa-se por todo o exposto que muito já foi feito, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido para a real igualdade entre elas e os profissionais do sexo oposto, mesmo já existindo previsão expressa nesse sentido na Lei Master brasileira.

As mulheres merecem ser mais valorizadas e têm direito a isso, estando nessa busca diária, cada vez mais acirrada, nesse sentido.

4. Todo o processo percorrido durante a pesquisa

Buscando levantar o perfil socioprofissional das mulheres contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá, houve a coleta de todos os dados através de uma pesquisa de campo de natureza quanti-qualitativa e caráter descritivo-exploratório, através da aplicação de um questionário semiestruturado com 20 (vinte) perguntas. Foram feitas também previamente, ligações telefônicas diretas da pesquisadora para as contabilistas, público-alvo do estudo, com o objetivo daquela se apresentar a estas, demonstrando o intuito da pesquisa e a forma como seriam feitas as perguntas, havendo, ao final de cada ligação, o convite formal para a efetiva participação.

Participaram da pesquisa, 17 (dezesete) profissionais. Cada uma recebeu em endereço de e-mail próprio, o questionário a ser respondido e devolvido pelo mesmo meio para a pesquisadora, sendo que a simples devolução do questionário respondido já concordava com Carta de Consentimento Livre e Esclarecido enviada a todas as participantes.

Através dos dados coletados, foi traçado o perfil socioprofissional das mulheres contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá, dando ênfase aos desafios a serem ainda superados, relacionando os resultados com alguns dados gerais do país.

4.1 O perfil socioprofissional das mulheres contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá, com a análise comparativa com alguns dados gerais do país

Consta que a presença das mulheres no mercado de trabalho, exercendo, inclusive, profissões que há pouco tempo eram tidas como masculinas, não é apenas um fato, como cresce a cada dia. Necessário, portanto, investir mais e melhor em estudos focados nas mulheres profissionais, para que, assim, estas possam vir a ser valorizadas e respeitadas como merecem, com vistas a competência no exercício da função e não considerando simplesmente a questão de gênero.

Dessa maneira, contribuindo com esse entendimento, apresenta-se o perfil socioprofissional das mulheres contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá, as quais exercem função que até há muito pouco tempo era desempenhada quase que na sua totalidade por operadores do sexo masculino. O questionário foi enviado para 26 (vinte e seis) profissionais proprietárias de escritórios de contabilidade em Araxá, tendo 17 (dezesete) destas participado da pesquisa.

Sendo assim, é fato que as mulheres contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá:

✓ São adultas não jovens;

A psicóloga Estela de Tomas Zanni (s/d) afirma que: “A faixa etária do adulto-jovem vai dos 20 e poucos aos 30 e poucos anos. São pessoas que há algum tempo deixaram para trás a fase de transitória adolescente. Já adentraram a vida adulta e socialmente, são cobradas como tais”.

O Estatuto do Idoso – Lei nº. 10.741/2003 – considera idosa a população com 60 (sessenta) anos ou mais. Contudo, segundo a OMS – Organização Mundial de Saúde –, indivíduos apenas a partir dos 65 (sessenta e cinco) anos de idade são considerados idosos. Diante dessa discrepância, o dado disposto pela OMS se apresenta mais atualizado e, assim, mais confiável, uma vez que esta considera o fato da expectativa de vida dos brasileiros estar em constante crescimento. Por exemplo, pelos dados apresentados pelo IBGE, comparando a expectativa de vida dos brasileiros entre os anos de 1940 e 2016, houve um aumento de mais de 30 (trinta) anos. (IBGE, 2017 apud OLIVEIRA, 2017, p.1)

Sendo assim, com estas informações, pode-se dizer que as contabilistas participantes da pesquisa são adultas não jovens, já que a média de idade entre elas é de 44,29 anos, sendo que apenas 2 (duas) profissionais possuem menos de 30 (trinta) anos de idade, e uma, mais do que 65 (sessenta e cinco) anos.

✓ São casadas;

Com uma porcentagem de 64,71%, pode-se afirmar que as contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade em Araxá são em sua maioria casadas. Os 35,29% restantes têm 23,53% formados por contabilistas divorciadas e 11,76% divididos em proporções exatas entre viúvas e solteiras.

✓ Possuem ensino superior completo em Ciências Contábeis;

Quanto à escolaridade, 23,53% das contabilistas pesquisadas trabalham com o curso técnico em contabilidade completo; a maior porcentagem é formada por aquelas que completaram o curso de Ciências Contábeis no Ensino Superior, que são 64,71%, e; apenas 11,76% são especialistas em contabilidade e/ou áreas afins, tais como planejamento tributário.

✓ Fizeram a integralidade do curso de contabilidade em instituições particulares;

Com uma porcentagem expressiva de 70,59%, pode-se afirmar que a maioria das contabilistas proprietárias de escritórios na cidade de Araxá estudou contabilidade apenas em instituição particular. É fato, ainda, que 17,65%, apesar de não terem feito a integralidade do curso em instituição privada, cursaram a maior parte do ensino nas referidas instituições, tendo tido, assim, um ensino híbrido (parte em instituição particular e parte em instituição pública), mas com a prevalência da educação paga. Os outros 11,76% são divididos em proporções exatas (5,88% para cada) entre “todos os anos em instituição pública” e “mais anos em instituição pública”.

✓ Cursaram contabilidade nos últimos 20 (vinte) anos;

Consta que 70,6% das contabilistas foco da presente pesquisa estudaram contabilidade ou se especializaram mais na área nos últimos 20 (vinte) anos, entre o início de 1999 e o final de 2018.

Infere-se que 11,76% já estavam buscando o ensino na área contábil entre os anos de 1979 e 1988, sendo que 5,88% já estavam nessa empreitada antes mesmo do final da década de 70. Ocorre que esses 17,64% por último citados, compreendem apenas técnicas em contabilidade, sendo fato que os cursos técnicos chegaram a várias localidades do país antes dos cursos superiores. Na cidade de Araxá, por exemplo, a qual é o local foco da presente pesquisa, a primeira turma de curso superior em Ciências Contábeis se formou no ano de 1997. Desse fato, portanto, decorre-se a explicação lógica de que as profissionais que responderam ao questionário, dizendo que iniciaram os estudos em contabilidade há mais tempo, são aquelas que têm curso técnico e não superior na área.

Outro resultado interessante observado no presente tópico, é que as 2 (duas) contabilistas (11,76% das pesquisadas) que responderam ter estudado contabilidade entre os anos de 2006 e 2009, disseram que nesse período fizeram a graduação em Ciências Contábeis, tendo dado a informação de que anteriormente já eram técnicas em contabilidade. Uma informou que fez o curso técnico entre 1989 e 1998 e a outra, uma das profissionais mais experientes da cidade, sem dúvida alguma, já é técnica na área desde 1975.

✓ Disseram que a afinidade que sentem com a profissão é o maior motivo que fizeram-nas escolher ser contadoras;

Entre as pesquisadas, 88,24% indicaram apenas 2 (dois) motivos principais para a escolha da profissão, tendo a maior parte, 58,83%, dito que a afinidade que sentem com a profissão é que as motivou a fazer essa escolha, e 29,41% afirmou que pela existência de um bom mercado profissional é que decidiram trilhar essa trajetória.

Apenas 2 (duas) profissionais, as quais representam 11,76% dos sujeitos de pesquisa, fizeram indicações distintas entre as demais participantes, tendo uma, representante de 5,88% das pesquisadas, afirmado que o que a motivou escolher a profissão contábil e/ou áreas afins foram as boas oportunidades salariais, e a outra, com a mesma representatividade dentro da pesquisa, feito uma indicação particular do motivo maior que a levou ser contabilista atualmente, expondo que a admiração pelo pai, o qual é contador há mais de 40 (quarenta) anos, é que a fez querer percorrer o mesmo caminho.

✓ Iniciaram o exercício da profissão entre 2000 e 2009;

Consta que a maior parte das contabilistas pesquisadas, 47,07%, iniciaram o exercício da profissão contábil e/ou áreas afins entre 2000 e 2009, sendo que todas estas concluíram o ensino superior em Ciências Contábeis e possuem média de idade 37,13 anos. Infere-se que desses 47,07%, a metade, ou seja, 23,54% iniciaram a execução de suas funções na área antes mesmo de buscarem ter uma formação e/ou especialização na área ou já começaram a trabalhar no primeiro ano de faculdade.

Ocorre que 17,65% dos sujeitos da presente pesquisa iniciaram o exercício da profissão entre 1990 e 1999, sendo que dessas, 1/3 (um terço) apenas estudou contabilidade entre os anos de 1999 e 2008, e 1/3 (um terço), entre 2009 e 2018. Informações como essas demonstram o quanto é comum as pessoas iniciarem a prática contábil e/ou em áreas afins para depois se buscar cursos e especializações.

Cumpra ainda salientar, que os outros 35,28% são divididos entre as demais opções: “antes de 1979”, “entre 1980 e 1989” e “entre 2010 e 2019” (11,76% para cada), e que aquelas que iniciaram a prática contábil antes de 1979 e entre os anos de 1980 e 1989, ou seja, 23,52% são todas técnicas em contabilidade, tendo uma profissional, que representa 5,88% das pesquisadas, feito curso superior em Ciências Contábeis anos após ter se tornado técnica e já exercer a profissão.

Há uma análise lógica, mas que vale ressaltar que as profissionais que iniciaram o exercício da contabilidade antes de 1979 ou entre 1980 e 1989, possuem a média de idade mais alta entre as pesquisadas: 62 anos. Contudo, as iniciantes dos anos 80 possuem média um pouco mais alta do que aquelas que começaram até o final da década de 70: 63 anos. As que começaram a trabalhar na área antes de 1979, têm média de idade de 61 anos.

✓ Dividem-se entre as áreas contábil, fiscal e departamento pessoal;

É fato que todas as contabilistas pesquisadas se dedicam aos respectivos escritórios de contabilidade dos quais são proprietárias. Contudo, há um universo bem amplo de atuação entre elas.

Consta que a maior parte exerce a profissão dividindo-se entre todas as áreas, ou seja, atuando no contábil, fiscal e departamento pessoal. Apesar de representar a maioria e de ser um dado esperado, uma vez que se trata das proprietárias do negócio, precisando, assim, se manterem inteiradas de tudo o que ocorre, é fato que a representatividade não é tão expressiva assim, chegando apenas ao patamar de 35,29% das pesquisadas.

Nada obstante, existem proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá que atuam em alguma área específica do escritório, de maneira que 11,76% atuam apenas na área do departamento pessoal, 17,66% apenas no contábil e a maior parte que tem apenas um campo de atuação escolheu a área fiscal para desenvolver as suas atividades – 23,53%.

Há, ainda, uma profissional que além de atuar no contábil, elabora e modifica contratos, faz distratos, se responsabiliza pela abertura e fechamento de empresas, bem como presta serviços de consultoria. E há outra, que executa atividades no contábil, fiscal e departamento pessoal do escritório, e, ainda, atua dentro de uma empresa de pesquisa de grade tributária.

Essas 2 (duas) profissionais por último citadas representam apenas 11,76% das pesquisadas, 5,88% cada uma.

✓ Já exercem a função atual há mais de 15 (quinze) anos;

Entre as pesquisadas, mais da metade (52,94%) já exercem há mais de 15 (quinze) anos a função atual, demonstrada no tópico anterior.

É fato, ainda, que a segunda maior porcentagem do presente tópico é formada por aquelas que não possuem mais de 15 (quinze) anos de experiência na área atual, mas que tem quase isso, já trabalhando na mesma área entre 11 (onze) e 15 (quinze) anos.

A profissional que está há menos tempo no exercício de suas funções atuais, não possui menos do que 3 (três) anos de experiência e representa 5,88% dos sujeitos de pesquisa, sendo, ainda, que 17,65% estão na mesma área entre 6 (seis) e 10 (dez) anos.

Nota-se com a presente informação que, as profissionais proprietárias de escritório de contabilidade na cidade de Araxá são muito experientes, o que, sem dúvidas, é um diferencial capaz de trazer maior segurança aos clientes.

✓ Jamais exerceram função diversa da atual;

Entre as pesquisadas que não responderam que atuam no presente em todas as áreas dos respectivos escritórios de contabilidade dos quais são proprietárias, 50% jamais exerceram função diversa da atual; 40% já exerceram ambas as funções que não exercem mais atualmente, e; 10% já atuaram apenas na área fiscal antes daquela que atuam agora.

✓ Estão devidamente registradas no CRC – Conselho Regional de Contabilidade;

Infere-se que uma profissional, a qual representa 5,88% das pesquisadas, mesmo sendo sócia-proprietária de um escritório de contabilidade, não possui registro no CRC – Conselho Regional de Contabilidade.

Mas, uma pessoa pode ter um escritório de contabilidade e não ser registrada no CRC? A resposta para essa pergunta é: sim.

O artigo 3º da Resolução do CFC nº. 1.390, de 30 de março de 2012, dispõe que:

Art. 3º. As Organizações Contábeis serão integradas por contadores e técnicos em contabilidade, sendo permitida a associação com profissionais de outras profissões regulamentadas, desde que estejam registrados nos respectivos órgãos de fiscalização, buscando-se a reciprocidade dessas profissões.

§ 1º Na associação prevista no caput deste artigo, será sempre do Contador e do Técnico em Contabilidade a responsabilidade técnica dos serviços que lhes forem privativos, devendo constar do contrato a discriminação das atribuições técnicas de cada um dos sócios.

§ 2º Somente será concedido Registro Cadastral para a associação prevista no caput deste artigo quando:

I – todos os sócios estiverem devidamente registrados nos respectivos conselhos de fiscalização de profissões regulamentadas; (...) (BRASIL, 2012)

Ademais, o Decreto-Lei nº. 9.295/46 e a Resolução do CFC nº. 560 de 1983 afirmam ser “necessário para realização de qualquer tipo de função ou cargo privativo de contabilistas”, o registro no CRC.

Sendo assim, caso a sócia-proprietária do escritório de contabilidade não exerça as funções privativas dos contabilistas e seja profissional de outra área devidamente registrada no órgão fiscalizador de sua profissão, não é ilegal esta não possuir o registro no Conselho Regional de Contabilidade e ser sócia do escritório de contabilidade. No entanto, se não tiver qualquer registro nos órgãos fiscalizadores de profissões do país e se as atividades exercidas estiverem relacionadas com qualquer uma das 48 (quarenta e oito) atribuições privativas previstas pelas supracitadas resoluções, é necessário que a profissional faça a prova do CRC, e, conseqüentemente, realize o registro profissional junto ao CRC com jurisdição sobre sua localidade, no caso de aprovação. (ANTHONY, 2019, p.1)

✓ São proprietárias com 1 (uma) ou mais sócias, todas do sexo feminino;

Consta que a maior parte das pesquisadas são sócias de outras mulheres nos escritórios de contabilidade dos quais são proprietárias (35,3%), seguidas daquelas que optaram por ser as únicas proprietárias (29,41%).

Apenas 11,76% são sócias de profissionais apenas do sexo masculino, sendo que 17,65% são sócias de homens e mulheres.

Consta que 1 (uma) profissional, a qual representa 5,88% das pesquisadas, não deixou clara a sua real situação dentro do escritório de contabilidade, tendo apenas se declarado como profissional liberal.

✓ Percebem remuneração média mensal entre 4 (quatro) e 6 (seis) salários mínimos;

Inferre-se que apesar de todas as profissionais sujeitos da presente pesquisa serem proprietárias de escritórios de contabilidade, há uma boa variação quanto à remuneração média mensal percebida por estas. Essa variação consiste em: 3 (três) salários + R\$1,00 e 9 (nove) salários mínimos. Ou seja, decorre do trabalho das contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá que aceitaram participar da pesquisa, remuneração média mensal entre R\$ 2.995,00 (dois mil, novecentos e noventa e cinco reais) e R\$8.982,00 (oito mil, novecentos e oitenta e dois reais).

A maior parte das pesquisadas, representando quase a metade destas, mais precisamente 47,07%, ganham em torno de R\$ 3.993,00 (três mil, novecentos e noventa e três reais) a R\$ 5.988,00 (cinco mil, novecentos e oitenta e oito reais) – superior a 4 e igual ou inferior a 6 salários mínimos. Estas são logo seguidas pelas profissionais que têm uma média de remuneração mensal variável superior a 6 e igual ou inferior a 9 salários mínimos (41,18% das pesquisadas). Apesar de serem poucas, há, ainda, aquelas proprietárias de escritórios que ganham menos, entre R\$ 2.995,00 (dois mil, novecentos e noventa e cinco reais) e R\$ 3.992,00 (três mil, novecentos e noventa e dois reais), sendo este o retrato de 11,76% das profissionais que participaram da pesquisa.

Importante se faz destacar que as 3 (três) profissionais com 60 (sessenta) anos ou mais estão no grupo das melhores remunerações mensais (superior a 6 e igual ou inferior a 9 salários mínimos), o que demonstra que a experiência profissional, muitas vezes, vem atrelada ao sucesso financeiro.

✓ Afirmam não existirem dificuldades no exercício da profissão contábil e/ou áreas afins decorrentes de questão de gênero;

Consta que a maior parte das pesquisadas entendem que, atualmente, não existem maiores dificuldades para as mulheres atuarem no mercado de trabalho nas áreas contábil e afins pelo fato de serem mulheres. No entanto, quase 1/4 (um quarto) destas (23,53%) discordam, afirmando que ainda há dificuldades decorrentes do gênero.

Entre as 4 (quatro) profissionais que afirmaram no tópico anterior que as mulheres ainda enfrentam dificuldades no exercício da profissão contábil e/ou

áreas afins pelo simples fato de serem mulheres, 25% apontam a discriminação sexual como o maior motivador para essa situação. Outros 25% dizem que a ocupação com a casa e/ou filhos são o grande motivo, e a metade delas afirmam que essa situação é provinda tanto da discriminação sexual quanto da ocupação com a casa e/ou filhos.

✓ Afirmam que dedicação e competência são as melhores características para as mulheres alcançarem o sucesso profissional;

Houve o questionamento às participantes da pesquisa sobre as melhores características que as mulheres podem ter e desenvolver para alcançar o sucesso profissional, tendo sido requerido que estas apontassem exatas 3 (três) entre 7 (sete) características listadas.

Existiram participantes que não apontaram as 3 (três) características requeridas, tendo algumas marcado 2 (duas), e outras até mesmo 1 (uma) característica apenas, que consideram importante. Para retratar essa questão, a pesquisadora apontou o índice de abstenção, tendo este alcançado o patamar de 15,69%.

Consta que o que as pesquisadas consideram mais importante para o sucesso profissional é dedicação e competência, apontada por 31,37% do grupo.

A segunda maior representatividade da pesquisa do presente tópico foi a característica “gostar da profissão”, sendo que 19,61% dos sujeitos de pesquisa acreditam que não tem como haver sucesso na profissão sem, de fato, haver gosto por esta.

Houve outras 3 (três) características marcadas pelas profissionais como sendo importantes: “Manter-se atualizada com a legislação” – 17,65%; “Honestidade” – 11,76%, e; “Cumprir o Código de Ética do Contabilista” – 3,92%.

✓ Consideram haver diferenças remuneratórias na profissão contábil e áreas afins entre homens e mulheres;

A maioria das pesquisadas considera haver diferenças remuneratórias na profissão contábil e áreas afins entre homens e mulheres – 52,94%.

Esse dado torna-se interessante na pesquisa quando comparado ao tópico em que se questionou se ainda existem dificuldades de as mulheres atuarem no mercado de trabalho no exercício da profissão que elas escolheram, sendo que no referido tópico apenas 23,53% consideram que há essas dificuldades, enquanto que no presente tópico 52,94% dizem que há diferenças remuneratórias entre homens e mulheres. Afinal, existindo essas diferenças remuneratórias, estas caracterizam uma grande dificuldade enfrentada pelas mulheres ainda hoje, não é mesmo?

✓ Vivem ou já viveram situação de desigualdade remuneratória entre homens e mulheres na profissão contábil e/ou áreas afins;

Entre as 9 (nove) pesquisadas que responderam no tópico anterior que há diferenças remuneratórias entre homens e mulheres no exercício da profissão contábil e áreas afins, 66,67% afirmam que já vivenciaram essa situação.

Essas foram as informações decorrentes da pesquisa realizada sendo que segue, por fim, uma tabela, a qual é capaz de resumir os resultados expostos no presente capítulo, demonstrando os maiores e menores dados e porcentagens supracitados:

	Maior ou % Majoritário	Menor ou % Minoritária
Idade	67 anos	25 anos
Estado Civil	Casada	Solteira / Viúva
Escolaridade	Ensino Superior em Ciências Contábeis completo	Especialização em contabilidade e/ou áreas afins
Tipo de Estabelecimento onde cursou contabilidade	Todos os anos em instituição particular	Todos os anos em instituição pública / Mais anos em instituição pública
Período de estudo da contabilidade	Entre 1999 e 2008 / Entre 2009 e 2018	Antes de 1978
Maior motivo da escolha da profissão	Afinidade com a profissão	Boas oportunidades salariais / Outro: Admiração pelo pai
Período que começou a trabalhar na área	Entre 2000 e 2009	Antes de 1979 / Entre 1980 e 1989 / Entre 2010 e 2019
Área atual de atuação	Contábil, Fiscal e Departamento Pessoal	Contábil, Fiscal, Departamento Pessoal e outra / Contábil e outra
Tempo de exercício na área atual	Mais de 15 anos	De 3 a 5 anos
Área de atuação diversa da atual?	Não	Sim. Fiscal
Tempo de exercício na área diversa da atual	Mais de 15 anos	Menos de 1 ano / De 6 a 10 anos / De 11 a 15 anos
Tem registro no CRC?	Sim	Não
Como se dá o exercício da sua profissão? Quem você é no escritório de contabilidade?	Proprietária com 1 (um) ou mais sócios, sendo todos estes do sexo feminino	Profissional liberal
Remuneração média mensal	Superior a 4 e igual ou inferior a 6 salários mínimos	Superior a 3 e igual ou inferior a 4 salários mínimos
Existem dificuldades das mulheres atuarem na área?	Não	Sim

Maior motivador das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho	Ocupação com a casa e/ou filhos	Discriminação sexual / Tanto discriminação sexual, quanto ocupação com a casa e/ou filhos
3 (três) melhores características para as mulheres alcançarem o sucesso profissional	Dedicação e competência	Cumprir o Código de Ética do Contabilista
Existem diferenças remuneratórias entre homens e mulheres no exercício da profissão?	Sim	Não
Você vive e/ou já viveu essa situação de desigualdade remuneratória?	Sim	Não

Fonte: Elaborada pela autora.

Fazendo um comparativo com os dados gerais do país, é fato que Fabrício Santos, no próprio site do CFC – Conselho Federal de Contabilidade –, já citado no decorrer do presente artigo, expôs um comparativo do crescimento do número de profissionais contabilistas no Brasil, entre os anos de 1996, 2009 e 2018, sendo que a porcentagem representativa do número de mulheres cresceu, enquanto que a relativa aos profissionais do sexo masculino decresceu.

Referido autor dispôs:

Uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Contabilidade, em 1996, apontou que a participação da mulher no cenário contábil era de 27,45%, enquanto a dos homens era de 72,55%. Após 22 anos, os profissionais da contabilidade com registro ativo representam 525.367 mil. Desses, 300.555 (57,20%) são do sexo masculino e 224.812 (42,79%) são do sexo feminino. E esse número não para de crescer. (SANTOS, 2018, p.1)

Segue uma tabela ilustrativa com os dados dispostos pelo autor:

	Homens	Mulheres	Total	% Homens	% Mulheres
1996	231.139	87.453	318.592	72,55%	27,45%
2009	294.692	100.337	395.029	74,60%	25,40%
2018	300.563	224.804	525.367	57,21%	42,79%

Fonte: Elaborada pela própria autora.

Consta que em outubro de 2017, pela primeira vez na história, 7 (sete) mulheres foram eleitas para presidirem regionais do país. (SANTOS, 2018, p. 1) Esse dado demonstra que a partir de 2018, 25,93% dos Conselhos Regionais de Contabilidade do país passaram a ter presidentes do sexo feminino.

Segundo dados do IBGE (PARADELLA, 2019, p. 1), as mulheres ainda ganham, em média, 20,5% menos que os homens no país, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua).

Os dados, relativos ao quarto trimestre de 2018, consideraram apenas pessoas entre 25 e 49 anos, e mostram que a disparidade entre os rendimentos médios mensais de homens (R\$ 2.579) e mulheres (R\$ 2.050) ainda é de R\$ 529. A menor diferença foi de R\$ 471,10 em 2016, quando as mulheres ganhavam 19,2% menos. (PARADELLA, 2019. p. 1)

Esse dado coaduna com o exposto pelos sujeitos da presente pesquisa, uma vez que a maioria das profissionais pesquisadas afirmaram ainda existirem diferenças remuneratórias entre homens e mulheres no exercício da profissão contábil e/ou áreas afins.

Considerações finais

A realização deste trabalho não foi simples, mas foi bastante prazerosa e produtiva.

Fez-se necessário muito empenho para o desenvolvimento de um questionário com perguntas eficazes no sentido de haver resposta à pergunta problema, com o alcance dos objetivos específicos e geral.

Não se pode deixar de mencionar a educação e disponibilidade daqueles sujeitos de pesquisa que aceitaram participar do estudo. Logicamente, sem as 17 (dezesete) contabilistas proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá, este trabalho não seria possível.

Conclui-se, assim, com este trabalho, que as contabilistas que possuem escritórios de contabilidade na cidade de Araxá:

- ✓ Possuem média de idade de 44,29 anos;
- ✓ São casadas;
- ✓ Concluíram o ensino superior em Ciências Contábeis;
- ✓ Estudaram todos os anos do curso de Ciências Contábeis em instituição de ensino particular;
- ✓ cursaram contabilidade nos últimos 21 (vinte e um) anos;
- ✓ Escolheram o curso de Contábeis por afinidade com a profissão;
- ✓ Iniciaram o exercício da profissão entre os anos 2000 e 2009;
- ✓ Se dedicam simultânea e atualmente às 3 (três áreas): contábil, fiscal e departamento pessoal;
- ✓ Possuem mais de 15 (quinze) anos de experiência na área que ainda atuam;

- ✓ Possuem o devido registro no CRC – Conselho Regional de Contabilidade;
- ✓ São sócias-proprietárias de escritórios de contabilidade com 1 (uma) ou mais sócias, sendo todas estas do sexo feminino;
- ✓ Percebem remuneração média mensal em patamar superior a 4 (quatro) e igual ou inferior a 6 (seis) salários mínimos;
- ✓ Não acham que as mulheres ainda enfrentam dificuldades no mercado de trabalho no exercício da profissão;
- ✓ Acreditam que dedicação e competência são as melhores características para se ter sucesso na profissão que escolheram, e;
- ✓ Afirmam que ainda existem diferenças remuneratórias entre homens e mulheres no exercício da profissão, aqueles percebendo maiores valores do que estas, sendo que a maioria daquelas que afirmam isso, já vivenciaram essa situação.

Pode-se afirmar através da análise comparativa feita entre o último dado citado, proveniente da pesquisa de campo realizada, e os dados gerais do país que, as profissionais do sexo feminino proprietárias de escritórios de contabilidade na cidade de Araxá estão certas ao afirmarem sobre ainda haver diferenças remuneratórias entre os gêneros, uma vez que as mulheres ainda percebem por mês, em média, 20,5% a menos do que os homens.

Ademais, restou claro com o desenvolvimento deste estudo que o número de profissionais da área contábil e outras áreas afins está em franca ascensão, tendo passado de 318.592 (trezentos e dezoito mil, quinhentos e noventa e dois) profissionais que existiam no Brasil, no ano de 1996, para 525.367 (quinhentos e vinte e cinco mil, trezentos e sessenta e sete) em 2018, representando um aumento de 64,9% em pouco mais de vinte anos, sendo que não se pode deixar, de maneira alguma, de exaltar a importância das mulheres nessa ascensão. Ora, estas representavam apenas 25,40% dos profissionais da área em 2009, enquanto que os homens representavam 74,60%, tendo esse cenário se alterado de maneira bem acintosa, passando as mulheres a representarem 42,79% de todos os profissionais contabilistas do país, no ano de 2018, tendo a representatividade masculina crescido para 57,21%.

É fato ainda que nunca se teve tantas representantes do sexo feminino à frente dos Conselhos Regionais como agora, sendo este outro indicativo do quanto elas estão cada vez mais conquistando o espaço pelo qual lutam e merecem ocupar, apesar de ainda não representarem a maioria.

Por todo o exposto, acredita-se que este trabalho é capaz de disponibilizar informações realmente relevantes às pessoas, e, principalmente, aos profissionais da área, os quais poderão trazer e aplicar esses resultados na vida, fazendo com que as mulheres busquem e conquistem cada vez mais espaço na profissão que escolheram, pois competência estas têm, sendo este um fato indiscutível, e que os homens percebam essa competência e deixem para trás qualquer resquício que, por ventura, ainda possa existir de preconceito, em que um dia chegou-se a dizer que as mulheres tinham uma incompetência biológica para exercer profissões relacionadas à área das exatas, como as Ciências Contábeis.

Referências

ANTHONY, Igor. **Auxiliar Contábil precisa de CRC?** 2019. p. 1. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/ciencias-contabeis/noticias/auxiliar-contabil-precisa-de-crc>>. Acesso em 30 out. 2019.

BALTAR, P.; LEONE, E. T. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. **Revista brasileira de Estudos Populacionais**: São Paulo, v. 25, n. 2, 2008. p. 233-249. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v25n2/v25n2a03.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

BONIATTI, Amanda Oliveira; et al. A evolução da mulher no mercado contábil. **Revista Gestão e Desenvolvimento em Contexto – GEDECON**: Cruz Alta, v. 2, n. 1, 2014. p. 22. Disponível em: <revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/GEDECON/article/download/304/400>. Acesso em: 07 abr. 2019.

BORDIN, P.; LONDERO, R. I. Atividade Contábil Exercida pela Mulher em Santa Maria/RS. **Disciplinarum Scientia**: Série Ciências Sociais Aplicadas. Santa Maria; v. 2, n. 1. 2006. p. 109-121. Disponível em: <<https://periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumSA/article/view/1465/1380>> Acesso em: 06 out. 2019.

BRASIL. **Decreto n. 9.295**, de 27 de maio de 1946. **Planalto**. Brasília, DF 1946. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del9295.htm>. Acesso em: 06 out. 2019.

BRASIL. **Lei n. 10.741**, de 1º de outubro de 2003. Estatuto do Idoso. Brasília, DF 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Acesso em: 06 out. 2019.

BRASIL, **Resolução CFC n. 560**, de 28 de outubro de 1983. Dispõe sobre as prerrogativas profissionais de que trata o art. 25 do Decreto-Lei nº 9.295, de 27 de maio de 1946. Brasília, DF 1983. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=95495>>. Acesso em: 06 out. 2019.

BRASIL, **Resolução CFC n. 1.390**, de 30 de março de 2012. Registro Cadastral das Organizações Contábeis. Brasília, DF 2012. Disponível em: <<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/resolucao-cfc-1390-2012.htm>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

CFC, Comunicação. **Vem aí o XII Encontro Nacional da Mulher Contabilista**. 2018. p. 1. Disponível em: <<https://cfc.org.br/noticias/vem-ai-o-xii-encontro-nacional-da-mulher-contabilista/>>. Acesso em 20 out. 2019.

COSER, Clair. **A atuação da mulher contabilista nas organizações contábeis de Florianópolis**. Monografia apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005. p. 28-29. Disponível em: <<http://tcc.bu.ufsc.br/Contabeis294519.PDF>>. Acesso em: 20 out. 2019.

DRUMONTT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do Machismo. **Perspectivas**, São Paulo, v.3, 1980, p. 81.

ENADE 2018 – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes. **INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Ministério da Educação. 2019. p. 38. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2018/Ciencias_Contabeis.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

ENGLERT, Paula. **A construção da desigualdade de gênero**. 2018. p. 1. Disponível em: <<https://hysteria.etc.br/ler/construcao-da-desigualdade-de-genero/>>. Acesso em: 01 set. 2019.

HALF, Robert. **Conheça os cargos que podem ter os maiores aumentos salariais em 2019**. 2018. p. 1. Disponível em: <<https://www.roberthalf.com.br/blog/carreira/conheca-os-cargos-que-podem-ter-os-maiores-aumentos-salariais-em-2019>>. Acesso em: 06 out. 2019.

KINCHESKI, Gisele Isabel. **Evolução da participação das estudantes femininas no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina**. Monografia apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. p. 13.

MOTA, Érica Regina Coutinho Ferreira; SOUZA, Marta Alves de. **A evolução da mulher na contabilidade: os desafios da profissão**. 2012. p. 4. Disponível em: <https://unibhcienciascontabeis.files.wordpress.com/2013/11/artigo_mulher_contabilista_completo.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2019.

NEVES, Fernando Henrique Tavares. **Mulheres na contabilidade: a atuação profissional das egressas do curso de Ciências Contábeis da FACIP/UFU de 2011 a 2017**. 2018. p. 4. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22199/3/MulheresContabilidadeAtua%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2019.

OLIVEIRA, Nielmar de. **Expectativa de Vida do brasileiro é de 75,8 anos diz IBGE**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2017-12/expectativa-de-vida-do-brasileiro-e-de-758-anos-diz-ibge>>. Acesso em: 27 out. 2019.

O QUE é Contabilidade. **FEA USP**. Disponível em: <<https://www.fea.usp.br/contabilidade-e-atuaria/graduacao/o-que-e-contabilidade>>. Acesso em: 07 abr. 2019.

PARADELLA, Rodrigo. **Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens**. 2019. p. 1. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens>>. Acesso em: 06 out. 2019.

PASETTO, Nilva Amália. **A representatividade feminina na Contabilidade**. 2018. p. 1. Disponível em: <<https://cfc.org.br/sem-categoria/a-representatividade-feminina-na-contabilidade/>>. Acesso em: 22 out. 2019.

PINHEIRO, Tatá. As principais conquistas das mulheres na História. **Revista Nova Escola**. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16047/as-principais-conquistas-das-mulheres-na-historia#_=_>. Acesso em: 10 set. 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Filósofa rebate clichês contra o feminismo**. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/fil%C3%B3sofa-rebate-clich%C3%AAs-contra-o-feminismo/a-42875378>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SANTOS, Fabrício. **O empoderamento das mulheres na contabilidade**. 2018. p. 1. Disponível em: <<https://www.google.com/url?q=https://cfc.org.br/noticias/o-empoderamento-das-mulheres-na-contabilidade/&source=gmail&ust=1570465367537000&usg=AFQjCNHw5hPHFG44998dv7nvBRclQY8viQ>>. Acesso em: 06 out. 2019.

SCHIENBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a Ciência**. Bauru: EDUSC. 2001. p. 131).

SÓ CONTABILIDADE. **Conceito de Contabilidade**. 2007-2019. p. 1. Disponível em: <<http://www.socontabilidade.com.br/conteudo/conceito.php>>. Acesso em 05 nov. 2019.

ZANNI, Estela de Tomas. **Gestão de carreira para adultos-jovens**. Disponível em: <http://www.atendimento-psicologia.com.br/orient_carreira.html>. Acesso em: 27 out. 2019.

- Mariana Guimarães Lodi – CV - <http://lattes.cnpq.br/1439409489614220>

- Ivana Guimarães Lodi – CV - <http://lattes.cnpq.br/2928733474883886>